

SUBTRAINDO A APATIA DA CIDADE DA BORRACHA: LAZER E ESPORTES EM MANAUS, 1897-1902

Este artigo analisa o desenvolvimento histórico inicial de esportes em Manaus, que teve início em fins do século XIX. Mais especificamente, analisando jornais locais do período, analisamos as atividades do Sport Club Amazonense, criado em 1897, logo ocupando o papel de principal associação esportiva da cidade. Em Manaus, o início da organização de práticas de esportes, geralmente associada a outras atividades de lazer, atendeu demandas por diversão e entretenimento, sobretudo de grupos das elites econômicas da região, além de ter funcionado também como instância privilegiada de sociabilidade desses mesmos grupos, bem como veículo de encenação pública de suas ambições de cosmopolitismo e diferenciação social.

Palavras-chave: História; Esporte; Amazonas.

SUBTRACTING THE LETHARGY OF THE RUBBER CITY: LEISURE AND SPORTS IN MANAUS, 1897-1902

This article analyzes the early of sport in Manaus, which began in the late 19th century. More specifically, we focus on the history of Sport Club Amazonense, created in 1897, soon taking up the role of main association of recreation and sports in the city. In Manaus, the beginning of the organization of sports, usually associated with other leisure activities, answered demands for fun and entertainment, but also played as preferred place for sociability of elite groups, as well as vehicle for public staging of their ambitions of cosmopolitanism and social differentiation.

Keywords: History; Sport; Amazon.

DISMINUYENDO LA APATÍA DE LA CIUDAD DEL CAUCHO: OCIO Y DEPORTES EN MANAOS, 1897-1902

En este artículo se analiza el desarrollo histórico inicial de los deportes en Manaos, que comenzó en final del siglo 19. Más específicamente, nos centramos en las actividades del Sport Club Amazonense, creado en 1897, para luego asumir un papel principal entre las asociaciones deportivas y recreativas de la ciudad. En Manaos, el comienzo de la organización de las prácticas deportivas, generalmente asociadas con otras actividades de ocio, se ha impulsado por demandas para diversión y entretenimiento, además de funcionar también como arena importante para sociabilidad de grupos de élite, así como un vehículo de exhibición pública de sus ambiciones de cosmopolitismo y diferenciación social.

Palabras clave: Historia; Deporte; Amazonas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o desenvolvimento histórico inicial do esporte em Manaus. Para isso, tomamos como objeto o Sport Club Amazonense, cujas atividades entre os fins do século XIX e princípios do século XX, foram analisadas por meio de notícias a seu respeito publicadas em jornais de Manaus do período, atualmente arquivados e disponíveis no acervo digitalizado da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Para este artigo, mais particularmente, tomamos como fontes os jornais *Correio do Norte*, *A Federação*, *Diário Oficial* e principalmente o *Commercio do Amazonas*, que funcionava, este último, como espécie de órgão oficial do clube. De acordo com nossas pesquisas, que analisaram esses e outros periódicos do mesmo acervo entre o quartel final do século XIX e o quartel inicial do século XX, os anos entre 1897 e 1902 correspondem ao aparente período de funcionamento do clube, que representa bem, por sua vez, o momento inicial de desenvolvimento histórico dos esportes em Manaus. Antes disso, não parecem ter existido iniciativas esportivas que ganhassem uma dimensão pública na cidade. Com efeito, se houve práticas esportivas em Manaus antes da segunda metade da década de 1890, elas provavelmente ficaram restritas a grupos ou instituições que não divulgavam amplamente suas atividades, como o faria o Sport Club Amazonense. Depois da segunda metade da primeira década do século XX, por outro lado, práticas esportivas ganharam uma organização ligeiramente mais sistemática e diversificada, como uma popularidade crescente, envolvendo número pouco maior de modalidades e instituições.

A historiografia brasileira sobre esportes é quase inteiramente carente de estudos sobre o Amazonas, o que implica negativamente todo o debate desse campo de estudos, pois a ignorância a respeito de regiões cultural, econômica ou politicamente periféricas no processo de desenvolvimento histórico dos esportes no Brasil pode ser apontada como um dos principais fatores a obliterar um aprofundamento neste campo de pesquisas, conforme afirmou Dias

(2013). A única exceção para o caso do Amazonas é o trabalho de Normando (2003), cuja ênfase, entretanto, restringiu-se ao futebol nos anos iniciais do século XX, permanecendo as primeiras iniciativas esportivas, datadas dos anos finais do século XIX e envolvendo outras modalidades, ainda inteiramente envoltas em sombra e silêncio. A principal intenção deste trabalho é justamente colaborar na superação desta lacuna historiográfica.

Articulado a um processo mais geral de crescimento demográfico e desenvolvimento econômico gerados pela extração e comercialização da borracha (MESQUISTA, 2005; WEINSTEIN, 1993), o início da organização de práticas esportivas em Manaus parecia tentar suprir expectativas simbólicas de uma elite social bastante ciosa por exhibir, através da intensificação das interações sociais nos espaços públicos, sua nova pujança econômica, bem como sua afinidade cultural com as elites de outros centros urbanos tidos por mais modernos e civilizados. Na verdade, campos de esportes e espaços de sociabilidade a eles relacionados funcionavam mesmo como a materialização prática de aspirações de cosmopolitismo e progresso que afetavam certos grupos da cidade, compondo parte do cenário que pretendia dramatizar uma sociedade pulsante e em vertiginoso progresso. Nesse sentido, os clubes de esportes seriam, ou deveriam ser, de acordo com o sistema de crenças que parecia animar seus primeiros adeptos, mais uma demonstração inequívoca de que a modernidade, afinal, havia chegado em Manaus.

2 O SPORT CLUB AMAZONENSE

Nos últimos anos do século XIX, havia alguns clubes sociais e recreativos funcionando em Manaus, como o Club Amazonas ou o Club Limitado (CONCERTO, 31 de maio de 1889; COMMERCIO DO AMAZONAS, 22 de novembro de 1898). Todavia, a instituição que teve mais visibilidade pública sobre a vida associativa e recreativa da cidade foi o Sport Club Amazonense, fundado em 1897. Além da frequência e regularidade com que notícias a seu respeito eram publicadas nas páginas dos jornais de Manaus, o Sport Club também se distinguiu dos demais por dedicar-se a organização de práticas esportivas. Na verdade, em fins do século XIX, o Sport Club Amazonense era a principal organização para a prática de esportes em

Manaus.¹ Seu estatuto, aprovado em 1898 e publicado integralmente nas páginas do jornal *Diário Oficial*, apresentava os fundamentos que orientariam a organização geral do clube. Em primeiro lugar, seu objetivo era “propagar e desenvolver o gosto pelos exercícios concernentes aos múltiplos ramos que pode abranger sua própria designação, especialmente a velocipedia, ginastica, esgrima, patinação e jogos atléticos, além dos demais jogos não proibidos”. A agremiação também pretendia promover “recreios e diversões úteis, compatíveis com o meio social e clima”, destacando-se as festas, que se mostrariam aspecto fundamental da vida associativa do novo clube, como veremos (ESTATUTOS..., 15 de maio de 1898, p. 1).

Para participar das atividades do clube, era preciso, antes de tudo, tornar-se sócio da agremiação, o que não era simples, todavia. Basicamente, era preciso atender algumas exigências: o candidato a sócio deveria ter bom conceito e ocupar posição social decente e deveria ser adepto reconhecido de qualquer um dos ramos de diversões compreendidas no programa do clube. Além disso, sua candidatura deveria ser intermediada por outro sócio em pleno gozo de seus direitos associativos e aprovada pela diretoria. Esse conjunto de condições parece expressar o desejo dos fundadores de manter um perfil mais homogêneo entre os frequentadores do clube, composto, em linhas gerais, por grupos de elite da cidade. O primeiro presidente eleito do clube foi Alfredo Moura, muito provavelmente de origem portuguesa, ativamente envolvido com o Gabinete Português de Leitura e a Sociedade Beneficente Portuguesa, além de acionista do Banco do Amazonas e sócio representante de empresas comerciais de seguro e comércio internacional. Na verdade, o desenvolvimento histórico dos esportes em Manaus, de maneira semelhante ao que se passou em outras partes, estabeleceu vínculos com setores do comércio, especialmente por meio da participação de elementos da colônia portuguesa, que compunham a maior comunidade estrangeira de Manaus, além de manterem amplo controle sobre setores do seu comércio varejista (DAOU, 2000; PINHEIRO, 2014). Nesse contexto institucional e social mais geral, não é fortuito que o jornal *Commercio*

¹ Em 1898, pouco depois da fundação do Sport Club Amazonense, foi criado também o Grupo Cyclístico Amazonense, outra instituição esportiva que obteve relativo destaque na cidade no período, organizando passeios ou corridas de bicicleta. Todavia, a repercussão e capacidade de mobilização do Grupo Cyclístico Amazonense não parece equiparável a do Sport Club Amazonense, embora iniciativas de ambas as instituições tenham se articulado mais de uma vez.

do Amazonas funcionasse como o principal veículo de divulgação das iniciativas do Sport Club Amazonense, que além disso mantinha estreitas relações com associações comerciais de Manaus, especialmente através da organização de atividades em conjunto.

Uma vez aceito nas fileiras do clube, o sócio passaria a gozar de direitos, mas também de deveres. Além de usar os materiais do clube e tomar parte das diversões promovidas, o sócio poderia ainda participar das assembleias gerais, onde aconteciam debates de propostas para o clube, eleições da diretoria e também eventuais mudanças no estatuto. Os sócios também poderiam recorrer de decisões mediante apresentação de requerimentos, desde que assinados conjuntamente por 20 sócios. Os mais assíduos poderiam receber um diploma a ser exposto em local com visibilidade privilegiada. Como obrigações, os sócios deveriam observar o fiel cumprimento dos estatutos, regulamentos e demais deliberações, bem como trabalhar para o engrandecimento e prosperidade do clube, além de desempenhar cargos eletivos de maneira desinteressada, isto é, sem remuneração, além de assumir o compromisso de trabalhar para fomentar o gosto pelos exercícios, que constituíam, afinal, o objetivo declarado da instituição. Mais que tudo, os sócios tinham a obrigação de pagar regularmente suas joias de admissão e mensalidades, fixadas, respectivamente, em 100.000 e 10.000 réis, exceto para os sócios fundadores e os que ingressaram no clube até 31 de dezembro de 1897, que pagariam 50.000 réis de joia de admissão e 10.000 réis de mensalidade. Para dimensionar o custo real destes valores, diga-se que o ganho diário médio de um trabalhador em Manaus em 1906 era de aproximadamente 6.000 réis, de acordo com estimativa fornecida por um artigo publicado no jornal *Correio do Norte* (A MISÉRIA DO AMAZONAS, 3 de fevereiro de 1906). Salários mensais ainda eram privilégios para poucos nessa época. Assim, um trabalhador com esses rendimentos e que não estivesse entre os fundadores do Sport Club Amazonense, o que muito provavelmente não seria o caso de todo modo, precisaria de mais de 16 dias de trabalho para pagar as joias do clube, além de quase dois dias de trabalho para pagar a mensalidade, sem mencionar a necessidade de ser indicado por outro sócio, o que talvez fosse o obstáculo mais difícil de todos.

As mensalidades, além de obstáculos no mais das vezes intransponíveis para boa parte da população, eram também meios importantes para assegurar a saúde financeira da associação,

embora outros rendimentos devessem concorrer a este fim. Não por caso, os regulamentos do clube prescreviam punição rigorosa aos que não se mantivessem adimplentes com suas obrigações financeiras. Segundo os estatutos do clube, sócios em atraso por mais de dois meses teriam todos os seus direitos vedados, o que equivaleria, na prática, a exclusão do seu quadro associativo.

O estabelecimento estatutário de algumas dessas obrigatoriedades, no entanto, não foi suficiente para impedir que fossem repetidamente inobservadas. Quase desde a sua fundação, o Sport Club Amazonense precisou cobrar mensalidades atrasadas inúmeras vezes, o que não parece ter surtido efeito prático, pois jornais de Manaus publicaram com persistente frequência anúncios vinculando cobranças nesse sentido, o que sugere que a situação não estava se modificando.

Mais que cobranças de mensalidades em atraso, a publicação de notícias diversas sobre o clube nos jornais da cidade foi um expediente bastante comum, para sorte do historiador, que dispõem, assim, de informações mais ou menos abundantes e detalhadas sobre o seu funcionamento. Afinidades entre os corolários de progresso e modernidade da imprensa e do clube esportivo, além de eventuais interesses econômicos das duas partes, devem ter justificado a oferta de espaço privilegiado na imprensa para divulgação de eventos diversos promovidos pelo clube, que não parecem ter sido publicados como propagandas pagas. Além disso, a própria frequência destas publicações já revela, em si mesmo, a importância social e simbólica que a instituição ia assumindo na vida social de Manaus. Redatores anônimos de jornais, ao noticiarem episódios relativos ao clube, como eleições para sua diretoria, não se absteram de emitir opiniões a respeito, como se dele fizessem parte (o que talvez poderia ser de fato o caso). Por vezes, detalhes prosaicos da vida administrativa do clube, que em tese diziam respeito apenas aos interessados mais imediatos, isto é, os sócios, ganhavam as páginas dos jornais locais, embaralhando as dimensões do que seria público ou privado. Havia mesmo entre os sócios uma espécie de ambiguidade ao redor da definição das dimensões públicas e privadas.

Logo depois da fundação do clube, divergências a respeito da permissão ou proibição do uso das instalações do clube por pessoas ou grupos sem ligação formal com a entidade animaram debates que logo ganharam as páginas dos jornais. Por um lado, o uso do clube por

grupos que não eram a ele associados ampliava o seu espectro social, dando-lhe mais visibilidade e de certo modo reforçando sua legitimidade. Por outro lado, podia-se comprometer também o seu caráter distintivo e seletivo, que tantas vezes fora explicitamente celebrado. O clube deveria ou não se envolver em questões sociais mais amplas, disponibilizando suas instalações para não-sócios?

Atividades em comemoração ao fim da escravidão no Amazonas foram realizadas nos salões do Sport Club. Para um cronista anônimo do jornal *Commercio do Amazonas*, o clube, ao ceder suas instalações, “cumpriu um dever e satisfaz a aspirações de todos os seus associados que não conhecem os manejos políticos e intrigas das facções que se digladiam na conquista do poder” (10 DE JULHO, 7 de julho de 1898, p. 1). Já no dia seguinte, porém, a questão se mostraria implicitamente mais controversa. A necessidade de justificar a decisão de emprestar os salões do clube para o evento revela tensões mais ou menos latentes entre os seus sócios, tanto no que diz respeito a cessão de uso de suas instalações, quanto no que diz respeito a escravidão.

A propósito da cedência dos salões do referido Club para o baile em questão, a diretoria procedeu correta e gentilmente, pois que se há artigo nenhum nos estatutos que autorize essa cedência também nenhum existe que a proíba. O clube não é felizmente agremiação política; a ideia que presidiu a sua fundação foi a de dotar Manaus com um centro esportivo e de reunião, ideia que até o presente tem sido cumprida à risca, e mal iria a ele se não fora. Não haja pois medo, que o Sport Club continuará a ser o que se propôs ser e onde a sociedade amazonense encontra, a par de várias diversões, todas as comodidades e a mais agradável e seleta convivência (SPORT CLUB, 8 de julho de 1898, p. 1).

Embora o clube fosse uma organização particular, com várias restrições e exigências para o acesso às suas instalações, parte das motivações para sua fundação e funcionamento justificava-se na possibilidade de acontecimentos privados ganharem uma dimensão pública. No Brasil, em várias ocasiões, a exibição pública de status e prestígio atuara como um importante fator para a fundação de clubes esportivos (ver CAPRARO, 2002; LUCENA, 2001). Em Manaus, não foi outro o motivo pelo qual destacou-se tão enfaticamente na imprensa local a dimensão, literalmente, “distintiva” e “seleta” do Sport Club Amazonense.

Uma das atividades promovidas pelo clube que mais alcançaram destaque e repercussão pública foram as festas e bailes dançantes. Algumas festas eram iniciativas da

própria diretoria do clube; outras, de grupos da elite amazonense, que apenas utilizavam as dependências do clube, sem ligação associativa mais perene – como foi o caso citado antes do baile em comemoração ao fim da escravidão. Direta ou indiretamente, porém, os sócios do Sport Club Amazonense estiveram frequentemente envolvidos com festividades promovidas por distintos agentes de Manaus, como a Associação Comercial ou a Associação de Empregados do Comércio. Muitas vezes, as dependências do clube serviam de palco para tais ocasiões, embora em outras tantas, lugares como teatros ou circos fizessem às vezes de local para realização de eventos promovidos pelo próprio clube, ou com significativa participação de alguns de seus sócios. Em todos os casos, as festas envolviam setores relativamente amplos da elite manauara, evidenciando as formas de relacionamento de uma mesma rede de sociabilidade. Comerciantes se envolveram com eventos organizados pelo clube, permitindo que suas lojas fossem usadas como locais de inscrição para competições esportivas. Outros expunham prêmios que seriam entregues aos vencedores de determinadas competições, como o fez a ourivesaria Metassolio (SPORT CLUB, 13 de novembro de 1898). Em certas ocasiões, toda a cidade estaria ornamentada por causa de eventos promovidos pelo clube, às vezes chegando mesmo a obter a permissão do governador para iluminar seu salão com luz elétrica – o que em si mesmo era um notável acontecimento, apenas reforçando os estreitos vínculos que cimentavam as redes de convívio e interação social das elites de Manaus. Em mais de uma vez, o clube também organizou cerimônias para homenagear ou simplesmente receber com pompas políticos da região ou artistas estrangeiros de passagem por Manaus.

A repercussão pública de tais atividades, sobretudo por meio da imprensa, aparece, assim, a um só tempo como causa e consequência do ímpeto de vincular-se a este clube social e esportivo. Ou seja, alguns membros da elite local desejavam se fazer ver nestas ocasiões, o que reforçava seu status e vínculos de pertencimento de classe, ao mesmo tempo em que a visibilidade pública conferida por tais ocasiões estimulava que mais pessoas desejassem partilhar àquele espaço de convívio e edificação de símbolos distintivos.

Atividades desse tipo logo se apresentavam como capazes de promover a civilização da cidade, pelo que eram vividamente celebradas pela imprensa local, que usavam quase sempre adjetivos hiperbólicos para descrevê-las: “esplêndidas”, “deslumbrantes”, “imponentes”,

“magníficas”. Os elogios claramente tentavam compatibilizar a imagem do clube com as que se procurava edificar para a cidade como um todo, destacando-se elementos que comunicavam símbolos de progresso e sofisticação dos costumes, como taças de champanhe, luz elétrica ou trajes femininos, ou melhor, “*toilettes*”, sempre se explicitando que os seus participantes representavam o que haveria de mais distinto e seleta na sociedade amazonense. Segundo uma típica descrição de uma dessas ocasiões, apresentadas, nesse caso, pelo jornal *Commercio do Amazonas* (16 de novembro de 1898, p. 1):

Não podia obter maior êxito do que obteve o baile ontem dado por este distinto Club [Sport Club Amazonense]. As salas hábil e finamente ornamentadas com soberbos festões de verdura e grupos alusivos aos diversos ramos do Sport que ali se cultivam, iluminadas profusa e brilhantemente pela luz elétrica, apresentavam um aspecto deslumbrante. A concorrência foi seleta e numerosíssima. Centenas de convidados de ambos os sexos cruzavam-se através dos vastos salões. Os homens quase todos trajavam casaca; as senhoras vestiam elegantes e ricas *toilettes* que mais faziam sobressair a sua formosura. Ao som da magnífica orquestra, sob a batuta do maestro Franco, dançou-se com animação até às 3 horas da madrugada. O serviço de Buffet copioso e fino. Enfim, foi uma festa de primeira ordem, que deixou deslumbrados todos que a ela assistiram. Á distinta diretoria os nossos parabéns, principalmente ao Sr. Almeida Pimentel, que se desempenhou da missão de ornamentar as salas de maneira verdadeiramente notável, que mais uma vez veio mostrar o seu fino gosto artístico.

Além de ter oportunizado um espaço de convívio para parte da elite manauara, as festas e bailes dançantes do Sport Club Amazonense também proporcionaram eficientes estratégias para legitimação social do próprio clube, que logo passaria a ser reconhecido como um dos espaços privilegiados para a materialização da modernidade de Manaus. O próprio fato do clube ter celebrado o fim da escravidão é bastante revelador de tais ambições. Para muitos setores urbanos da época, em conformidade aos valores que se disseminavam pelo mundo ocidental desenvolvido, a escravidão tornara-se abjeta e moralmente inaceitável. Sua abolição, nesse contexto, ao lado de um conjunto de outras práticas que se difundiam por estes mesmos setores, também funcionava como indicador do grau de evolução comportamental e sinergia ideológica com outras sociedades modernas (GRAHAM, 1973).

Nesse processo, festas e esportes, ao invés de serem vistos como instâncias diferentes de sociabilidade, compunham um único espectro indistinguível. Bailes eram promovidos por um clube fundado para promover esportes, bem como eventos esportivos serviam de pretexto

para realização de bailes. Ambas as ocasiões, afinal, organizavam-se com motivações e finalidades semelhantes: a dramatização de uma sociabilidade pública capaz de representar o prestígio social e o pertencimento de classe das elites de Manaus, tanto quanto seus vínculos com uma cultura idealizada como moderna e civilizada, sem desprezar os sentidos de diversão que também perpassava esses momentos. Várias vezes as descrições sobre as festas enfatizaram a alegria que possuía seus participantes. Prova do entusiasmo festivo dos sócios e convidados do Sport Club Amazonense era a duração de muitos de seus bailes, que frequentemente prolongavam-se até altas horas da madrugada.

O modo de participação do clube na recepção do cruzador português *Adamastor*, que atracou no porto de Manaus em fevereiro de 1899, demonstra bem o modo como tudo isso se articulava. Após os sócios do clube receberem a tripulação no porto da cidade com flores, confetes e serpentinas, ofereceu-lhes uma corrida de bicicletas, seguida por um piquenique (que teria envolvido mais de 300 pessoas) e assistência a uma tourada. Por fim, já à noite, na sede do clube, realizou-se uma “*soirée*” e um concerto clássico com músicas de Beethoven, Schumann e Meyerbeer (AS FESTAS DE HOJE, 18 de fevereiro de 1899).

Do ponto de vista estritamente esportivo, o clube organizava atividades de ginástica, bicicleta, esgrima, tiro e regatas. A seção de ginástica do clube funcionava regularmente, oferecendo aulas que pareciam ter frequência regular. Realizadas todas as noites, em um salão próprio, contando com jogos de halteres e lecionadas pelo Sr. Alfredo Lemos, apontado pela imprensa local como um dos responsáveis pelo progresso no desenvolvimento do estudo da ginástica em Manaus, dizia-se mesmo que as aulas eram bastante concorridas (SPORT CLUB AMAZONENSE. 30 de julho de 1898; SEÇÃO SPORTIVA, 03 de setembro de 1898). Aulas de ginástica integravam o repertório mental e gestual de parte da população de Manaus ao menos desde 1884, quando instituições de ensino secundário da cidade assimilaram a prática em seus currículos (ALMANACH..., 1884). Na década seguinte, a partir de 1893, ao lado das evoluções militares, esgrima, natação e jogos escolares, a ginástica seria incorporada por outras instituições de ensino, ampliando seu alcance, embora ainda bastante restrito às elites, que basicamente compunham o público dessas instituições educacionais nesse momento. Nesses casos, conforme dizia os regulamentos do Ginásio Amazonense, tratava-se de uma ginástica

“exclusivamente higiênica e educativa, sem caráter acrobático” (REGULAMENTO..., 8 de março de 1896, p. 2). A concepção de ginástica propugnada por este regulamento opunha-se claramente às modalidades praticadas no circo, que também tinham lugar em Manaus dessa época (ver DIÁRIO OFFICIAL, 28 de maio de 1895, p. 3). No Sport Club, totalmente de acordo com os hábitos festivos dos seus sócios, a prática da ginástica, muitas vezes concebida como mais um gênero de esporte, encerrava um conteúdo com pretensões higiênicas e sanitárias, embora servisse também como oportunidade para a realização de festas e bailes.

As pessoas que praticavam a ginástica nas aulas do Sr. Alfredo Lemos, pareciam ser as mesmas que estariam em outras atividades esportivas promovidas pelo clube, evidenciando uma difusão social ainda limitada dessas práticas, restritas apenas a grupos quantitativamente pouco numerosos. Quando o Sport Club Amazonense organizou uma competição náutica no Rio Negro, anunciada com grande entusiasmo em princípios de setembro de 1898, foi preciso interromper temporariamente as aulas de ginástica, pois a maioria dos alunos também estava inscrita na regata. Como de costume, a imprensa local envolveu-se ativamente com o evento através da publicação de notícias sobre a regata, tentando alimentar expectativas ao redor da competição.

Com grande animação para a regata que no dia 5 do próximo mês se realizará no formoso Rio Negro. Consta-nos que todos os páreos serão renhidamente disputados. Os amadores deste gênero de Sport continuam exercitando-se em remar e ainda no domingo de tarde tivemos ocasião de ver o rio sulcado por numerosos escaleres. Todo este movimento tendente a subtrair-nos á apatia da vida de Manaus se deve exclusivamente a esse grupo de rapazes que a despeito da má vontade que encontrou em certa classe da nossa sociedade e através de dificuldades de toda espécie que se lhe opuseram, conseguiu ainda assim organizar uma sociedade que hoje não teme o confronto das melhores que há no Pará. Se até política quiseram fazer com ela!... A verdade, porém, é que o Sport Club progride e faz honra à nossa Capital (SEÇÃO SPORTIVA, 30 de agosto de 1898, p. 2).

Simultaneamente, outros esportes se desenvolviam em Manaus. Já em 1898, a imprensa divulgou a realização do sexto campeonato de tiro ao alvo, sugerindo que o concurso já acontecia na cidade desde antes. O ciclismo era outra modalidade que se destacava. Confirmando predileção por este esporte, entre o final de 1898 e princípios de 1899, a diretoria do Sport Club Amazonense esteve firmemente empenhada em tentar obter aprovação dos sócios

para aquisição de um empréstimo visando a construção de um velódromo, o que parece não ter acontecido. Não obstante a inexistência de um velódromo tal como idealizado pela diretoria do Sport Club Amazonense, que só seria construído de fato em 1905, mas por iniciativa de dois empresários locais, sem relações aparentes com o clube, a Praça General Osório era assim mesmo utilizada para realização de corridas de bicicleta nessa época.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o crescimento da comercialização da borracha, surgiu em Manaus uma elite econômica que almejava exibir seu novo status. Essa disposição impulsionou inúmeras transformações na cidade, desde a sua estrutura física até as suas práticas corporais. Ao lado das reformas urbanas, foram sendo criadas instituições esportivas, onde o corpo poderia ser utilizado em conformidade com os anseios de parte da sociedade amazonense, que tinha o objetivo de tornar Manaus uma cidade moderna, cosmopolita e civilizada. Nesse sentido, os esportes apareciam como índices relativamente importantes de progresso e desenvolvimento local.

Todavia, tal como a própria modernidade manauara, os espaços de prática de esportes não eram para todos. Apenas uma camada restrita da sociedade usufruía mais diretamente dessas novas formas de diversão em seus momentos iniciais. A maior parte da população parecia mesmo estar à margem desse processo, exceto, talvez, por uma única condição: a de público espectador. Apesar dos relatos e descrições legados pela imprensa da época enfatizar que apenas grupos “distintos” e “seletos” se envolviam com as competições esportivas, adjetivos que usualmente não se aplicavam a grupos populares, a plateia dos esportes talvez fosse mais diversificada do que fazem parecer os jornais. Uma vez que a encenação moderna dos símbolos de cultura civilizada e distinção social exigia uma sociabilidade que fosse pública, extrapolando os limites restritos e restritivos dos salões privados, os mecanismos de segregação de classe tornavam-se também mais difíceis de serem rigorosamente controlados. No espaço público, irrupções imprevistas de grupos indesejados eram mais prováveis e às vezes inevitáveis. Assim, desde o início da prática de esportes em Manaus, havia espectadores, o que

era fundamental para uma instância que pretendia funcionar como encenação pública de cosmopolitismo e diferenças sociais. Mais que isso, havia também espectadores que não se conformavam aos preceitos e expectativas propugnados pelos que promoviam as primeiras competições esportivas. Já em 1898, um cronista anônimo do jornal *A Federação* censurou o comportamento de algumas pessoas durante uma competição de ciclismo. Segundo sua reprimenda, teria havido “excessos de entusiasmo de uma parte dos espectadores, que não são gentis, vaiando aos dignos moços, para quem a vitória não sorriu naquele torneio” (O GRUPO CYCLISTICO AMAZONENSE, 06 de dezembro de 1898, p. 1). Anos depois, até quase o fim das atividades do Velódromo de Manaus, que foi demolido em 1910, o comportamento de alguns espectadores continuaria persistentemente contrariando as prescrições do que era tido por boa educação e civilidade, apesar das críticas, igualmente persistentes. A repreensão de comportamentos tidos como inadequados era parte fundamental do processo de atribuição de sentido e articulação discursiva ao redor dos esportes, pois os aspectos elegante e civilizado destas práticas relacionavam-se não apenas ao refinamento dos trajes ou a exclusividade de classe dos participantes, mas também ao domínio de códigos de comportamento que deveriam ser rigidamente observados.

Pelos jornais, é difícil saber a constituição socioeconômica desses espectadores. Seriam as mesmas pessoas que frequentavam os salões do Sport Club nos dias de festa? Pessoas representadas pelos jornais como carentes de gentileza poderiam fazer parte desses grupos? Seriam grupos populares – o que talvez explicasse a incompatibilidade de seus comportamentos diante das expectativas das elites, bem como a hostilidade e certo preconceito de classe? Não sabemos ao certo.

Entre as elites que frequentavam o Sport Club Amazonense, havia uma disposição em tentar manter seus círculos de relação mais hermeticamente cerrados entre si, por meio de uma composição de classe mais homogênea, o que não impedia necessariamente, porém, cisões e divergências nos seus comportamentos ou nos seus valores. Nenhum grupo ou instituição é um bloco monolítico alheio a contradições. Pequenas divergências sobre o uso dos salões do clube citadas antes bem o demonstram. Por outro lado, a utilização de espaços públicos, em detrimento dos espaços privados, torna mais difícil, embora não impossível, o engendramento

de mecanismos de segregação. Nesses termos, assistir competições esportivas tornava-se uma forma alternativa de participar, envolver-se e apropriar-se de um espetáculo promovido para dramatizar o espaço de diferença social que separava os diferentes grupos da cidade, além obviamente de servir como meio de lazer e entretenimento. Ao menos em potência, portanto, as possibilidades destas formas de participação, restrita à condição de espectadores, estava facultada a todos, mesmo que organizadas de forma a acentuar diferenças no interior desse múltiplo universo de espectadores. De alguma forma, no espaço das ruas os “deserdados da borracha” tinham mais chances de interagir e apropriar-se das novas práticas apresentadas e representadas como algo típico da “boa sociedade” de Manaus. Sintomaticamente, mesmo alguns dos locais mais impregnados pelas ambições simbólicas das elites, como a Av. Eduardo Ribeiro, construída no plano de embelezamento da cidade e ponto de referência dos novos cafés e restaurantes, servia também a lazeres populares (SANTOS JUNIOR, 2007; DAOU, 2014).

A partir de princípios do século XX, com uma significativa transformação na dinâmica esportiva de Manaus, o processo inicial de desenvolvimento que analisamos aqui se encerra, dando lugar a outro. Em primeiro lugar, há o aparecimento de novas instituições esportivas, sugerindo aumento do entusiasmo com os esportes. No final da primeira década daquele século, surgem os primeiros periódicos especializados em Manaus, como *O Sport* e o *Correio Sportivo*. Em 1914, haveria já uma Liga Amazonense de Futebol, que tentava coordenar a atividade de vários clubes dedicados a esta modalidade, que ia claramente crescendo em importância na cidade (NORMANDO, 2003). Nesse sentido, e em segundo lugar, há uma diversificação das modalidades predominantemente praticadas. A ginástica e especialmente o ciclismo, que encontraram relativa receptividade nos anos finais do século XIX, paulatinamente dão lugar ao atletismo, ao turfe, mas especialmente ao futebol. Por último, popularizaram-se crescentemente os esportes, com o envolvimento cada vez maior de trabalhadores e grupos economicamente desprivilegiados, não apenas como espectadores, mas já também como jogadores ou até como dirigentes de suas próprias associações, que também começam a surgir a partir dos princípios do século XX.

Essa transição coincide com o aparente término das atividades do Sport Club Amazonense. Na verdade, o que exatamente aconteceu com o clube permanece obscuro. Depois

de 1902 simplesmente não encontramos informações a seu respeito nos jornais da cidade. É possível que o clube tenha seguido suas atividades com outro nome, que os jornais tenham parado de publicar notícias a seu respeito ou que apenas tenha de fato encerrado suas atividades. De todo modo, as transformações pelas quais tenham passado o Sport Club Amazonense representam bem transformações mais gerais que se processavam na própria dinâmica esportiva da cidade.

Referências

- 10 DE JULHO. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 7 jul. 1898, n. 226, p. 1.
- A MISÉRIA DO AMAZONAS. *Correio do Norte*, Manaus, 3 fev. 1906, n. 12, p. 1-2.
- ALMANACH administrativo, histórico, estatístico e mercantil da província do Amazonas para o anno de 1884. Manaus: Typographia do Amazonas de José Carneiro dos Santos, 1884.
- AS FESTAS DE HOJE. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 18 fev. 1899, n. 399, p. 1.
- CAPRARO, André Mendes. *Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- COMMERCIO DO AMAZONAS, Manaus, 22 nov. 1898, n. 333, p. 2.
- CONCERTO. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 31 mai. 1898, n. 198, p. 1.
- DAOU, Ana Maria. *A cidade, o teatro e o “paiz das seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.
- DAOU, Ana Maria. Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. *História, ciência, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, suppl., p. 867-888, 2000.
- DIARIO OFFICIAL, Manaus, 28 mai. 1895, n. 438, p. 3.
- DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. *Tempo*, Niterói, v. 17, n. 34, p. 33-44, jan. / jun. 2013.
- ESTATUTOS do Sport Club Amazonense. *Diario Oficial*, Manaus, 15 mai. 1898, n. 1279, p. 1.
- GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MESQUITA, O. M. *La Belle Vitrine: o mito do progresso na refundação de Manaus (1890/1900)*. 439 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

NORMANDO, Tarcisio Serpa. *Jogos de bola, projetos de sociedade: por uma história social do futebol na belle époque manauara*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: PPG Sociedade e Cultura na Amazônia, 2003.

O GRUPO CYCLISTICO AMAZONENSE. *A Federação*, Manaus, 06 dez. 1898, n. 274, p. 1.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Migração, trabalho e etnicidade: portugueses e ingleses no porto de Manaus, 1880-1920. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 30, n. 54, p. 807-826, set. / dez. 2014.

REGULAMENTO do Gymnasio Amazonense. *Diario Oficial*, Manaus, 8 mar. 1896, n. 662, p. 1-2.

SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. Manaus da Belle Époque: um cotidiano em tensão. A utopia da modernidade na cidade disciplinar, 1890-1920. *Cadernos de História*, ano 2, n. 1, p. 1-21, mar. 2007.

SEÇÃO SPORTIVA. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 03 set. 1898, n. 274, p. 2.

SEÇÃO SPORTIVA. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 30 ago. 1898, n. 270, p. 2.

SPORT CLUB AMAZONENSE. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 30 jul. 1898, n. 245, p. 2.

SPORT CLUB. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 13 nov. 1898, n. 327, p. 2.

SPORT CLUB. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 16 nov. 1898, 329, p. 1

SPORT CLUB. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 8 jul. 1898, n. 227, p. 1.

WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.